

**A RELAÇÃO DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO COM TOPONÍMIA
NA METRÓPOLE MANAUS-AM: ANÁLISE DOS CASOS DO IGARAPÉ DO
QUARENTA, BAIRRO DA UNIÃO E MANAUS 2000¹**

**THE RELATIONSHIP BETWEEN THE PRODUCTION OF URBAN SPACE
AND TOPONYMY IN THE METROPOLIS MANAUS-AM: ANALYSIS OF
THE CASES OF IGARAPÉ DO QUARENTA, BAIRRO DA UNIÃO AND
MANAUS 2000**

**LA RELACIÓN ENTRE LA PRODUCCIÓN DE ESPACIO URBANO Y LA
TOPONIMIA EN LA METRÓPOLI MANAUS-AM: ANÁLISIS DE LOS
CASOS EN EL IGARAPE DO QUARENTA, BAIRRO DA UNIÃO Y
MANAUS 2000**

Ageane Alves Ramos

Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e
Sociais, Manaus, Brasil

alves.ageane@gmail.com

0000-0002-1583-5647

RESUMO

Morar é uma forma básica e inicial de afirmar onde reside determinado indivíduo ou grupo de pessoas, podendo ser ou não em áreas com melhores níveis de infraestrutura urbana, fato que dependerá da condição socioeconômica que cada grupo social possui para o acesso básico de moradia existente nesse espaço, como parte da história e das relações sociais, como fatos e eventos que contribuiriam para se perceber como agente ativo das relações para construção desse lugar, onde se exerce a vida cotidiana e o sentimento de pertença. Assim essas particularidades são observadas na análise das relações topológicas, toponímica e na topofilia desses lugares à margem de igarapés que são unidos e ao mesmo tempo separados por pontes na metrópole Manaus. E, com o intuito de compreender a relação da produção do espaço urbano e a relação afetiva de identidade e pertencimento com o lugar, este artigo apresenta a síntese de um estudo em bairros de Manaus, onde utilizou-se de pesquisa de campo e análise teórica, com base no método estruturalista e pesquisa quali-quantitativa da realidade desses locais e da práxis dos sujeitos, relacionando-os à compreensão da produção do espaço urbano na metrópole Manaus.

Palavras-chave: Espaço urbano; lugar; pontes; topofilia; toponímia.

ABSTRACT

Living is a basic and initial way of affirming where a particular individual or group of people resides, which may or may not be in areas with better levels of urban

¹ Este trabalho faz parte da Dissertação de Mestrado de Ageane Alves Ramos, que teve como orientador Professor Dr. Marcos Castro de Lima, intitulada por “Segregação e diferenciação na metrópole: as pontes que unem e separam no contexto das ocupações em margens dos igarapés de Manaus”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM em abril/2021.

infrastructure, a fact that will depend on the socioeconomic condition of each social group for basic access to housing in that area, as part of history and social relations, as well as facts and events that contributed to the perception of oneself as an active agent of relations for the construction of this place, where daily life and the feeling of belonging are exercised. Thus, these particularities are observed in the analysis of the topological, toponymic and topophilia relationships from these places on the banks of igarapés that are joined and at the same time separated by bridges in the metropolis of Manaus. And, in order to understand the relationship between the production of urban space and the affective relationship of identity and belonging to the place, this article presents the synthesis of a study in Manaus neighborhoods, where field research and theoretical analysis were used, based on the structuralist method and qualitative-quantitative research of the reality from these places and the praxis of the subjects, relating them to the understanding of the urban space production in the metropolis of Manaus.

Keywords: Urban space; place; belonging; bridges; topophilia; toponymy.

RESUMEN

Habitar es una forma básica e inicial de afirmar donde reside cierta persona o grupo de personas, que pueden o no ser en zonas con mejores niveles de infraestructura urbana, la realidad que dependerá de la condición socioeconómica de cada grupo social para el acceso básico, a la vivienda en ese espacio, como parte de la historia y las relaciones sociales, así como hechos y acontecimientos que contribuyeron a la percepción de sí mismo como agente activo de las relaciones para la construcción de ese lugar, donde la cotidianidad y el sentimiento de pertenencia se ejercen. Así, estas particularidades se observan en el análisis de las relaciones topológicas, toponímicas y topofílicas de estos lugares en las márgenes de los arroyos que se unen y al mismo tiempo se separan por puentes en la metrópolis de Manaus. Y, para comprender la relación entre la producción del espacio urbano y la relación afectiva de identidad y pertenencia al lugar, este artículo presenta la síntesis de un estudio en barrios de Manaus, donde se utilizó investigación de campo y análisis teórico, sobre el método estructuralista y la investigación cualitativa-cuantitativa de la realidad de estos lugares y de la praxis de los sujetos, relacionándolos con la comprensión de la producción del espacio urbano en la metrópolis de Manaus.

Palabras clave: Espacio urbano; lugar; puentes; topofilia; toponimia.

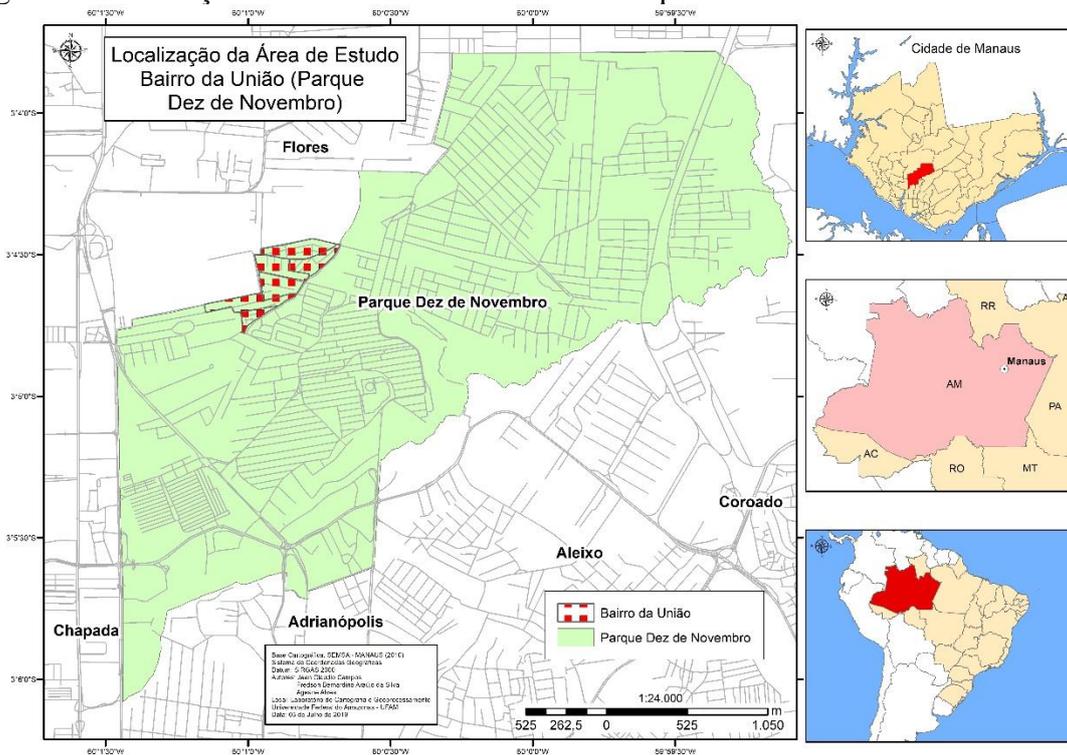
Introdução

Em bairros da metrópole Manaus como o Parque Dez de Novembro (figura 01) e Japiim (figura 02), é comum se encontrar entre os cidadãos o sentimento de pertencimento em relação ao lugar. Isso é mais evidente quando evocam a memória de haver participado das primeiras ocupações irregulares, dos despejos oriundos das reintegrações de posse deste local por repetidas vezes e, finalmente, a desapropriação da área². Essa realidade

² Lei nº 4.132, de 10 de setembro de 1962.

fortaleceu a relação com espaço ocupado, o que pode ser constatado nos topônimos adotados como “Bairro da União” ou “Igarapé do 40” de espaços em Manaus, que representavam a resistência e luta por um lugar que lhes pertencesse na capital, pois, almejavam ser os donos de seu pedaço de terra, ou proprietários de uma casa no conjunto de residências populares no Residencial Manaus 2000 que, embora advindos de uma área de ocupação irregular no Igarapé do Quarenta, esses habitantes estavam num outro contexto, pois havia a disputa eleitoral para a prefeitura de Manaus, e, entregar as pequenas residências de dois cômodos aos comunitários, representaria significativamente um ganho para o candidato da situação, pois constituiria melhoria na qualidade de vida daquela população, que morava em palafitas à margem do igarapé, e passaria, a partir de 1996, a possuir uma residência legalizada e localizada bastante próxima do lugar anterior, mas como novo bairro, no Distrito Industrial I.

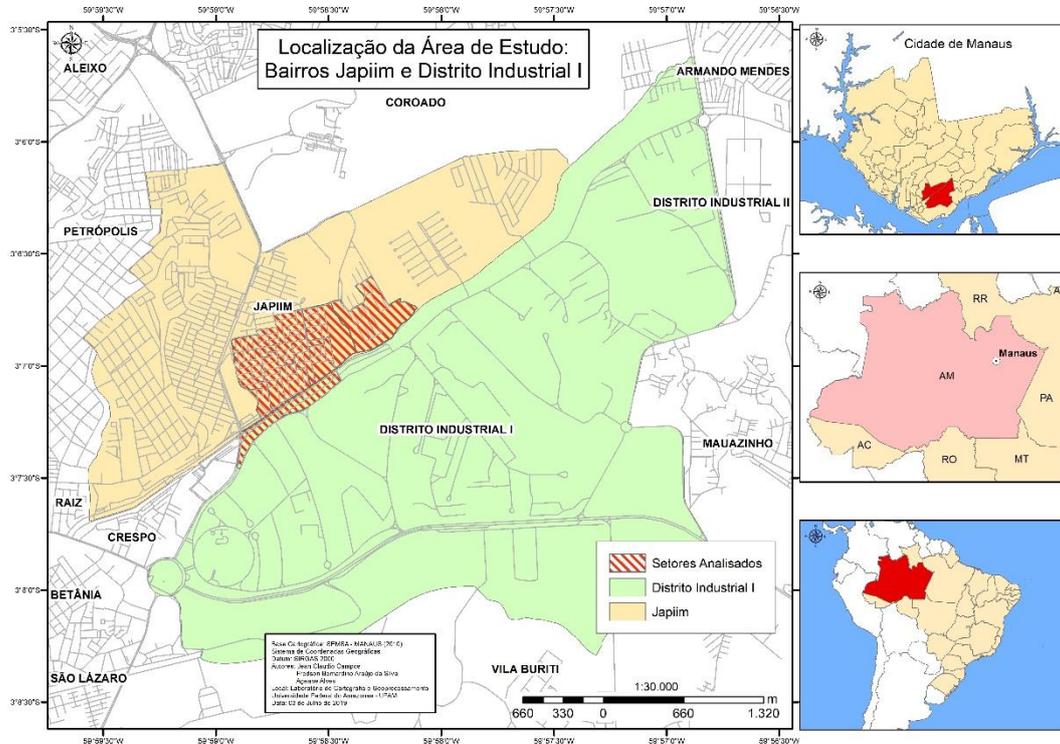
Figura 1. Localização da área de estudo: Bairro do Parque Dez de Novembro-Manaus/AM



Fonte: IBGE/SEMSA (2010). Autores: CAMPOS, SILVA, RAMOS. Org.: a autoria

Art. 1º A desapropriação por interesse social será decretada para promover a justa distribuição da propriedade ou condicionar o seu uso ao bem estar social, na forma do art. 147 da Constituição Federal.

Figura 2. Localização da área de estudo: bairros do Japiim e Distrito Industrial I – Manaus/AM



Fonte: IBGE/SEMSA (2010). Autores: CAMPOS, SILVA, RAMOS. Org.: a autoria

A relação dos topônimos com a história do lugar

Santos afirma, que “os topônimos nascem a partir da fala dos sujeitos e a incorporação dos mesmos no cotidiano do grupo advém quase sempre de referências presentes na paisagem do lugar” (2016, p. 173). O autor destaca alguns fatores que influenciam os indivíduos a adotarem certo topônimo no seu meio, o qual foi verificado através de pesquisa de campo com os residentes das áreas de estudo. A pesquisa de campo permitiu aferir os níveis de pertencimento, que evocavam a sua relação com seus locais de moradia, bem como entender os significados representados nos respectivos topônimos.

Desta maneira, percebeu-se em entrevista com morador do Bairro da União, em sua afirmação: “chegamos no Bairro da União na década de 80. A população era tão unida, que deu o nome ao local de Bairro da União” (2019), expõe o sentimento de ter participado da identificação do lugar e de apreço ao topônimo Bairro da União, união dos

indivíduos na resistência, na luta por um pedaço da terra urbana e o direito básico à cidade, traduzido na moradia, na busca do sonho de ter um lugar para viver e construir a sua história.

No que concerne ao ex-morador da área de ocupação irregular do Igarapé do Quarenta e residente do Manaus 2000, afirma em seu relato:

Vi a luta de minha mãe e de outras e outros moradores quando fomos morar no Igarapé do Quarenta, mas quando foi para retirar aquele povo da margem do igarapé e entregar as futuras casas, era claro o fundo de interesse para a campanha do candidato Alfredo Nascimento. Lembro de um Jingle que corria pelas redes sociais “Alfredo, Alfredo, prefeito da Manaus 2000”, ele prometia preparar Manaus para o próximo milênio, com isso, a população começou a chamar aquela parte de residências de casas do Distrito Industrial de “Manaus 2000” (MORADOR, MANAUS 2000, 2019).

Outra moradora do Manaus 2000 afirmou: “o prefeito Eduardo Braga³ veio inaugurar o nosso residencial, trouxe outros políticos, inclusive o Alfredo Nascimento⁴, que ele estava apoiando para substituí-lo” (2019) e a outra moradora completa: “até parecia um comício da campanha do Alfredo” (2019). Nos relatos explica-se o que levou a definição do topônimo “Manaus 2000” pelos cidadãos, todavia, o contexto político que se passava na cidade Manauara, o fato de retirar a população de áreas às margens do Igarapé do Quarenta para casas populares no Distrito Industrial I, servia como argumento aos políticos envolvidos na campanha do ano de 1996, tendo em vista mostrar a importância e o trabalho que a prefeitura deixava e prometia continuar revitalizando áreas e gerava a ideia de uma Manaus futurística para próximo milênio, evocando para isso o tão aguardado ano 2000. Portanto, o nome da localização adotada pelos seus moradores atualmente ainda é Manaus 2000, no entanto, mesmo aqueles que já nasceram no conjunto, ou que eram crianças quando para lá mudaram, ou ainda, quem passou a morar depois, até desconheçam esta origem a partir de uma campanha eleitoral.

São inúmeros motivos que levam uma população a adotar certo nome para um lugar. No caso do Manaus 2000, houve a influência principalmente dos meios de comunicação num momento de campanha política, como já mencionado para prefeitura

³ Carlos Eduardo de Souza Braga - na época mencionada era prefeito da cidade de Manaus-AM.

⁴ Alfredo Pereira do Nascimento - candidato à prefeitura de Manaus-AM na época mencionada e eleito ao cargo de Prefeito em 1996.

de Manaus. Por outro lado, os moradores da margem direita do igarapé, que não fizeram parte do processo envolvendo as casas populares do conjunto Manaus 2000, adotam o nome de Igarapé do Quarenta, mesmo nome do referido curso d'água, demonstrando a influência da paisagem que tem como destaque este rio urbano.

Em relação ao Bairro da União, nome oriundo de uma causa que envolveu a resistência e solidariedade de um grupo social excluído e especialmente a união pela busca do objetivo de seu espaço, a história de resistência se enraíza nas gerações subsequentes, que a reproduz enquanto oralidade, de geração em geração dos moradores. Essa diversidade de razões que contribuiu para a adoção de topônimos como Bairro da União, Igarapé do Quarenta ou Manaus 2000, está representada para Dick “como um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente” (1990b, p. 16). Portanto, é necessária ampla análise não só do significado da palavra “topônimo”, mas sim dos fatores socioespaciais que influenciaram e leva a uma relação mais ou menos profunda do termo cultivada entre seus cidadãos. Nesse sentido:

Partindo do princípio de que o topônimo não é um signo linguístico especial, mas, ao contrário, um designativo vocabular comum, acrescido, porém, da função específica de identificação dos lugares, verifica-se que a ocorrência de falantes distintos no território acabaria por marcar, também distintamente, a toponímia local (DICK, 1990a, p. 75).

Dick destaca ao topônimo a designação comum do vocábulo, acrescido da importância da função específica de identificação dos lugares, que para as áreas estudadas tem a origem e força e união em uma causa, como também se constata a Manaus se preparando para o próximo milênio, evocando a chegada ao ano 2000 e a identificação com a paisagem natural que compõe o Igarapé do Quarenta, topônimo dado ao rio pequeno, cujas margens são ocupadas por segmentos mais pobres da população. A autora sustenta ainda que o “(...) próprio vocábulo (do gr. topos, ‘lugar’ e onoma, ‘nome’), qual seja, o estudo dos nomes de lugares ou dos designativos geográficos, em sua bipartimentação física (rios, córregos, morros, etc.) e humana, antrópica ou cultural (aldeias, povoados, cidades, etc.)” (DICK, 1990b, p. 119).

A autora também contribui com a definição dos topônimos transplantados, advindos de processos migratórios, onde mostra a relação do povo que trouxe consigo uma história para o novo espaço construído, e que,

Este é o designativo geográfico que existe como tal em determinado espaço e que passa a integrar a nomenclatura de outra região qualquer, trazido pelo próprio povo que emigrou, ou influenciado por um mero mimetismo. Nessa noção está implícito o sentido de ‘deslocamento’ ou ‘mudança’ (DICK, 1990a, p. 83).

Na definição, a autora destaca o topônimo dado ao novo lugar pelo imigrante, que busca se adaptar ao novo sítio, cujos valores e traços representativos de sua história possuem forte influência a adoção de sua identificação. Fato que ocorre, por exemplo, com o município catarinense de Pomerode⁵, um topônimo relacionado ao lugar de origem (Pomerânia) dos primeiros habitantes, imigrantes alemães que se estabeleceram ali, que revela o apego enraizado nas origens da terra natal de seus antepassados e a preocupação de manter nas gerações a história de seu lugar.

As características destacadas sobre a cidade de Pomerode, que retratam os fatores que levaram a adoção do topônimo ao lugar, demonstram que o processo de ocupação traz muito além do se estabelecer como um ocupante em determinado local, pois o indivíduo traz consigo a sua história, os seus valores que dão significado aos objetivos, como ter um lugar para chamar de seu. Assim, levam a grupos a resistirem na identificação, que se sentem pertencidos e passam de gerações a gerações o significado desse valor. Essa característica é visível nos moradores do Bairro da União, que não se identificam com o bairro oficial Parque Dez de Novembro. Isso mostra que a identidade de um povo tem muito mais a ver com seu pertencimento do que com a forma que o Estado identifica seus bairros.

Desse modo, a discussão vai além da função do nome, pois o valor ao pedaço de terra veio com uma carga de expectativas para melhoria de qualidade de vida, da oportunidade obtida para a construção não só de uma casa, mas da realização do sonho tão perseguido, demonstrando um enraizamento ao lugar e orgulho pelos que resistiram e alcançaram; muito evidente nos diálogos com os mais idosos e também com os mais

⁵ Pomerode é um município localizado Médio Vale do Rio Itajaí-Açú, no estado de Santa Catarina/BRA.

jovens, que relataram a história dos seus familiares da geração anterior. Ter um lugar para viver, é algo tão importante para os cidadãos do Bairro da União, como para os cidadãos do conjunto Manaus 2000 ou das margens do Igarapé do Quarenta, no Japiim.

Longe de ser um clichê, ter a casa própria é o sonho de muita gente. Todavia, o orgulho com a história do lugar não foi tão evidente nas falas dos moradores do Manaus 2000, quando comparado ao Bairro da União. Os motivos que os levaram a adotar o topônimo de Bairro da União, onde *união* significa “entidade ou associação em defesa de interesses e objetivos comuns...aliança, pacto, acordo...ligação; associação...” (CEGALA, 2005, p. 852), enfatiza não somente os adjetivos que o compõe, mas o substantivo que deu seu nome. A escolha pelo topônimo, destaca a vontade dos envolvidos no início da formação de seu bairro, e a essência do princípio de sua história. Desde o início, Manaus 2000 acrescenta outra realidade de seu topônimo quando se percebe a fala de seus residentes, quando se referem a daquele momento, como coloca na entrevista:

Era comum os profissionais da prefeitura ao visitarem para formalizar a saída do igarapé para Manaus 2000, esclarecerem que estávamos sendo beneficiados pelo trabalho da prefeitura. E como nenhum outro prefeito ainda tinha se preocupado com nossa situação de morarmos em palafitas a margem do Igarapé do Quarenta, foi a possibilidade de melhorar de vida. Mas também preocupava pelas contas de luz e água que íamos ter que pagar, pois no igarapé não tínhamos essa despesa (MORADORA, MANAUS 2000, 2019).

A moradora enfatiza a importância de ganhar uma casa da prefeitura e ao mesmo tempo demonstra que esses moradores se preocupavam com a formalidade de ter que arcar com as taxas obrigatórias pagas, que viriam no pacote de novidades para vida deles. A referida entrevistada complementa:

Estávamos num ano de campanha para prefeitura, e era muito divulgado tanto nas ruas, pela televisão um sonho de um futuro melhor, e a nova prefeitura estaria preparando a Manaus para o novo milênio 2000, como sonhávamos como tudo aquilo! (MORADORA, MANAUS 2000, 2019).

Em cada área da pesquisa, os topônimos aderidos por seus residentes retratam formas diferentes dessa apropriação, embora em ambos os casos, Manaus 2000 e Bairro da União, tiveram interesses políticos. E o caso do Manaus 2000 retrata um momento

eleitoral dos candidatos à prefeitura, sobretudo, o candidato da situação nas ruas fazendo campanha política.

Na campanha política para a prefeitura de Manaus no ano de 1996 usaremos a frase do grego Esopo que se “Divididos, cairemos. Unidos venceremos”⁶. Ficou evidente a estratégia de uma coligação política entre o então governador Amazonino Mendes, que renunciou à prefeitura em 1994, tendo seu vice, Eduardo Braga, que cumprir o restante do mandato ora expirando, contudo, ambos apoiavam o candidato Alfredo Nascimento para a prefeitura. A retirada daquela população de áreas marginais do Igarapé do Quarenta para casas populares foi uma bandeira de campanha e contribuía para essa aceitação do candidato situacionista. Constata-se tal realidade não só nos diálogos com os moradores como também no *jingle*⁷ da campanha do referido candidato, onde se colocava:

No trabalho de Eduardo, na missão de Amazonino, a Manaus sonho sonhado, desde os tempos de menino, pra que tudo siga em frente, com alguém que vai sem medo, fazer tudo pela gente o seu nome é Alfredo. Alfredo Nascimento de um novo dia, votar num seguimento está na profecia. Alfredo Nascimento de um novo dia, votar num seguimento está na profecia (INSTITUTO DURANGO DUARTE-IDD, 1996).

O jingle com euforia quase messiânica foi uma das propagandas de campanha das eleições municipais do ano de 1996 com o lema “Por um novo dia”, transmitida na televisão aberta aos manauaras. Tinha como promessa dar continuidade aos trabalhos do grupo político então no poder desde 1982. Apesar da ideia de um novo ciclo, o termo um “novo dia”, trata-se, na realidade, da propaganda de um candidato que representava a perpetuação do governo de situação.

Na propaganda para campanha política à prefeitura de Manaus no ano de 1996, a pretensão era de convencer os eleitores, com o retrato da “melhor coligação” política, preocupada com o futuro da cidade, reunindo-as ao jingle, fixando na memória das pessoas, além no nome do candidato, o projeto de dar continuidade aos trabalhos do grupo político, que estava no poder numa Manaus para o próximo milênio (ano 2000), que se

⁶ Esopo (620-560 A.C.) foi fabulista grego, nascido na Trácia (região da Ásia Menor), do século VI a.C.

⁷ Jingle é um termo da língua inglesa, segundo Cegala é um “anúncio musical; composição musical curta composta e executada para fins de publicidade” (2005, p. 520).

apresentava como um discurso de futuro e empolgação como observa-se na figura 03(A, B, C, D, E e F)⁸:

Figura 03. Da campanha política para a Prefeitura de Manaus/AM, 1996.



Figura A, Alfredo Nascimento e Eduardo Braga e na figura B Amazonino Mendes. Fonte IDD (1996)



Figura C conjunto de casas populares, conhecida pelo topônimo de “Manaus 2000”.

Figura D da Av. Jacira Reis no bairro D. Pedro.



Figura E - Ponta Negra revitalizada.

Figura F - Criança.

Fonte: Instituto Durango Duarte, 1996. Org.: a autoria

Na figura 03 C, pode-se ver as casas populares com o topônimo de “Manaus 2000”, construídas na gestão que findava em 1996. Segundo afirmação dos habitantes, o

⁸Imagens retiradas da propaganda para campanha política para Prefeitura de Manaus no ano de 1996.

nome do residencial de casas populares foi dado pelo candidato situacionista (Alfredo Nascimento), que fora eleito naquele ano. A figura 03 D mostra a Avenida Jacira Reis no bairro D. Pedro I em Manaus, com características de avenidas arborizadas, larga, com calçada e trânsito fluído, demonstrando na campanha a preocupação com a mobilidade urbana. A figura 03 E trata da praia da Ponta Negra, entregue com a revitalização pelo prefeito Amazonino Mendes do governo anterior. Na figura 03 F, que traz o sorriso de uma criança, buscou-se sensibilizar a sociedade através da pureza e de um sonho desde criança pelo candidato à prefeitura de Manaus.

O topônimo Manaus 2000 não foi dado pelos mesmos motivos que aquele conferido ao Bairro da União, cuja origem possui a profundidade de uma causa, que evocava a luta pela terra e a resistência à retirada da mesma. Contudo, eles se identificam assim diariamente ao solicitar, por exemplo, um transporte por aplicativo para suas residências, como ficou claro na fala de uma das moradoras entrevistadas ao afirmar: “Eu sou da Manaus 2000, Distrito 1, e quando chamo um Uber⁹ coloco: Manaus 2000, próximo à Secretaria de Estado e Educação - SEDUC no bairro Distrito1”. Assim, o não ter apego a história do passado daquele lugar reflete o fato de eles o terem recebido como melhoria de suas vidas em relação a condição anterior, como afirma uma moradora:

Havia promessas do governo de nos retirar de dentro do igarapé e arrumar aquela área que hoje são as ruas Paranaíba e Marginal 2000 atrás do Studio 5¹⁰. E finalmente mudamos para Manaus 2000. Lembro no início de todas as casas iguais, hoje muitas já estão mudadas, mas era uma felicidade de todos, saímos de dentro do igarapé e tínhamos recebido uma casa no conjunto, era uma grande mudança em nossas vidas (MORADORA, MANAUS 2000, 2019).

A área marginal do Igarapé do Quarenta, um dos muitos da metrópole Manaus de onde foram retirados os ocupantes, conforme relata a moradora, hoje é a rua Paranaíba e Marginal 40 representa o sentimento de felicidade nos cidadãos com a casa nova, e tornou-os agradecidos pelo fato de sentirem que aquele lugar oficialmente era seu. Assim,

⁹ Uber – Uber do Brasil Tecnologia Ltda.: Plataforma que conecta usuários a motoristas para mobilidades.

¹⁰ Casa de festas que existia desde a década de 90 e teve sua ampliação para Shopping Center em 2002. Endereço Av. Rodrigo Otávio, 3555, com saída pela lateral rua Marginal - Distrito Industrial I.

a aceitação do topônimo sugerido pelo mandatário municipal de residencial Manaus 2000, foi aceita imediatamente pelos residentes e tornou-se referência no seu cotidiano.

Os motivos e a função dos topônimos adotados em ambas áreas pesquisadas, identificam a criação de uma identidade com o local, como destaca a cidadã do Bairro da união:

Era impressionante como éramos unidos. A população se reunia na igreja católica e aqui em nossa casa, doávamos comida para ajudar as pessoas. Trabalhávamos com a igreja católica, numa força... era muita gente. Todo mundo ajudava, se alguém adoecia, chamávamos um médico do Hospital Eduardo Ribeiro que nos ajudava consultando de graça. Todos se ajudavam... Quando chegamos aqui, o meu esposo (a) já trabalhava numa boa empresa e podíamos ajudar, as vezes dávamos nossa comida quase toda. Conclusão que conseguimos o apoio do Prefeito José Fernandes¹¹ no processo de desapropriação de nosso bairro (MORADORA, BAIRRO DA UNIÃO, 2020).

O relato da resistência, união e determinação na luta social dessa população pelos seus objetivos, respalda a importância dos que contribuíram com apoio à causa, como a igreja católica com o suporte do padre Renato Barth (jesuíta da CTP) e o padre Albano, através do apoio ao movimento, e ainda conforme outras explicações, participaram como grupo e apoio Marilza Melo (economista) e outros profissionais como enfermeira, psicóloga, pedagoga, professora, médicos do Hospital Psiquiátrico Eduardo Ribeiro: Rogélio Casado, Luiza Garnelo e Eliane Frota (engajados na luta antimanicomial), que realizavam as consultas e, muitas vezes, com medicamentos para aquela comunidade que não tinha condições de buscar ajuda de outra forma de acesso à cuidados médicos. O engajamento na luta social pelo grupo de apoio, pelos representantes comunitários e moradores foi fundamental nas articulações pela doação daquele espaço aos comunitários. Todos os envolvidos conseguiram junto a prefeitura, à época sob o comando de José Fernandes, a oficialização da desapropriação do espaço em 02 de Agosto de 1979, data escolhida como topônimo de uma das ruas principais do bairro. O morador Sabá Reis auferiu dividendos políticos dessa luta e, posteriormente consegue uma vaga na Câmara Municipal de Manaus, elegendo-se vereador em 1982.

¹¹ Prefeito de Manaus de 1979 a 1982. Participou do processo de desapropriação - criação do Bairro da União.

pela parte baixa, vindo do Parque Dez. O acesso era somente por ponte de madeira. Então a polícia quando vinha, só tinha um meio para acesso. A comunidade chegou ao ponto de fazerem piquetes, cercas, espécies de barreiras para a viatura não entrar. Foi muita união pelo sonho (MORADORA, BAIRRO DA UNIÃO, 2020).

Novamente se percebe na fala da moradora o resgate da história do surgimento do processo de ocupação da área traduzida no topônimo, que mesmo tendo sido mudado oficialmente pela prefeitura, continua vivo na memória dos habitantes, como complementado no outro relato:

A “invasão” [ocupação irregular original] era da margem dessa rua (Barreirinha) para lá. E dessa parte para cá, ondem moramos, tinham umas famílias que eram apossadas, e moravam aqui há a muito tempo. [...] Hoje essa rua tem o nome de Avenida Desembargador Gaspar Guimarães, mas o seu nome sempre foi Barreirinha, por causa das barricadas que os moradores faziam para impedir a entrada da polícia no local. Por volta de 5 anos para cá a prefeitura resolveu mudar o nome, mas sempre a chamamos de Barreirinha (MORADORA, BAIRRO DA UNIÃO, 2020).

Conforme os moradores do Bairro da União, o padre Renato Barth e demais representantes do grupo de apoio a luta social, evidenciam a presença histórica na formação tanto quanto dos demais sujeitos envolvidos. Destaca-se que foi fundamental a disposição da igreja católica não só de ajudar, como de orientá-los juridicamente, igualmente a determinação e coragem dos moradores, que se envolveram, se expuseram na luta pelo direito de estabelecerem suas vidas naquele lugar, pelo direito de construírem uma nova história na cidade, como também ao direito a cidade, do qual, nas palavras de Lefebvre, “A cidade que tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizaram essa obra nas condições históricas” (2001, p. 52). Segundo a explicação de um cidadão “Quem liderou as iniciativas, para a distribuição dos lotes, foi o padre Renato, ele liderava a distribuição dos lotes. Ele ganhou por 2 vezes a reintegração de posse. E a comunidade insistiu. [...] E o prefeito José Fernandes veio em loco, ver a situação, e, depois ele tomou a decisão e desapropriou [...]” (MORADOR, BAIRRO DA UNIÃO, 2020).

A história de vida dos moradores é retratada pela força que tiveram no processo de ocupação do Bairro da União, e com detalhe enfatizam a participação com suas vozes em prol da causa que os movia. Revela-se que o topônimo da rua Barreirinha, fez parte

da resistência e espaço de lutas em suas vidas. Espaço que representou a relação efetiva da comunidade. Que dá forma que podiam, lutavam pelo espaço na cidade, chegando a ser periculosa a exposição, quando dificultavam os trabalhos da polícia com barricadas, buscando evitar a derrubada de seus casebres. Mas se estes eram derrubados, erguiam novamente, e permaneciam na resistência com mais força.

Na análise, transpareceu a função do topônimo “Barreirinha” e o enraizamento no histórico do processo de formação socioespacial. Porém, a rua teve seu topônimo alterado pela Prefeitura de Manaus para Avenida Desembargador Gaspar Guimarães, e não foram predominantes os fatores que geraram a escolha de seu topônimo (figura 05).

Figura 5. Bairro Parque Dez de Novembro e Bairro da União: Rua Des. Gaspar Guimarães



Fonte: Google Earth/2020. Org.: a autoria.

E a mudança do topônimo da Avenida Barreirinha, destoa da história do Bairro da União e contribui para olvidar a história aos mais jovens, pois:

A mudança sem critérios, apenas para atender a interesses políticos, contribui para o desconhecimento da população local em relação à própria história... Nós temos o mau hábito de trocar o nome das ruas. Em outras cidades acontece essa mudança também, mas em Manaus acontece com uma frequência terrível

passando por cima da história da cidade. Sem que haja, por parte da sociedade, nenhuma reação (GARCIA, 2012, “s/p.”).

Garcia reflete sobre a relevância de se preservar a história de um lugar, da importância do papel dos cidadãos nas tomadas de decisões, como as leis aprovadas pela Câmara Municipal para mudança dos nomes de ruas, pois, a definição de lei sem uma análise geográfica e histórica, no que se refere à mudança dos logradouros em Manaus, contribuí para o desenraizamento da história da população local. A exemplo do que favoreceu para deixar de existir o topônimo da rua Barreirinha, para ser substituído pelo topônimo de Avenida Desembargador Gaspar Guimarães¹³, conforme averiguado com os residentes e evidenciado no Diário Oficial do Município de Manaus – DOM, edição nº 2365, Lei 1.401 de 14 de janeiro de 2010, que trata sobre a criação e a divisão dos bairros da cidade de Manaus, com estabelecimento de novos limites do bairro Parque Dez de Novembro.

Em entrevista com 20 moradores com a pergunta: “Qual o nome que você identifica seu bairro?”. Sendo unânime que o topônimo histórico do lugar, evidencia o pertencimento ao Bairro da União. E todos os cidadãos se identificaram como moradores do Bairro da União e demonstraram forte relação de pertencimento com seu lugar, como também se constata no relato:

Maioria que mora aqui, tem apego e não quer mudar, como também se identificam como cidadãos do Bairro da União, como todos de minha família e conhecidos desde infância, eu cheguei com meus pais ainda criança, e sempre via os envolvimento pela comunidade com vários moradores (MORADORA, BAIRRO DA UNIÃO, 2020).

A moradora acrescentou apego da população ao lugar, como a sua história de vida. Esses fatores destacam a importância de se preservar e respeitar os aspectos que formam a história de um lugar, bem como:

¹³ Desembargador Gaspar Antônio Vieira Guimarães, nasceu em 20.09.1874 no estado de Recife-PE. Iniciou suas atividades no Amazonas em 1893, na Justiça do 2º Distrito e depois no 1º Distrito da capital. Foi Juiz da 1ª Vara (Municipal) e de Direito no Rio Branco e Coari. Escreveu em “O Tempo”, “A Capital” e “A Imprensa”. 1921 tornou-se Desembargador. Fundador da Associação Amazonense de Imprensa e foi Professor e Diretor da Faculdade de Direito do Amazonas (BRAGA, 2021, s/p).

Os homens constroem e dão significados aos lugares. Significados que para alguns parecem invisíveis, mas para outros carregados de histórias e de emoções, o lugar é um mundo de significados organizados, adquiridos pela experiência humana, o lugar se mostra a partir do que eu experiencio e que é experienciado pelo outro (NOGUEIRA, 2015, p. 2).

A autora destaca a carga de significados que o lugar representa para os indivíduos, indo de acordo com o pensamento de Tuan ao afirmar que: "O termo topofilia associa sentimento com o lugar" (1980, p.129). Significados que elucidam os sentimentos aos fatos, que os moveram a construir sua história de vida e identidade com o lugar, como nome que consideram ser o significado da resistência de luta que fundou o lugar, tão significativo para os residentes do Bairro da União, idealizando sua história, que iniciava na década de 80 com muita união, constituindo, portanto, um topônimo portador de significados profundos na relação dos sujeitos com esse lugar.

Apesar de toda essa relação com o topônimo "União", os cidadãos têm consciência do nome oficial dado pela prefeitura da metrópole. Relataram que nunca se cogitou, por parte do poder público municipal, o reconhecimento desta localização como um bairro oficial, destacando que o Bairro da União, é uma espécie de sub bairro do Parque Dez de Novembro, e acrescentam sobre suas correspondências de energia e água que constarem CEP¹⁴, que os identificam pertencentes ao Bairro Parque Dez de Novembro.

Na segunda pergunta feita para 10 moradores da rua Barreirinha sobre "Qual o nome que você identifica a sua rua?", o resultado foi absoluto no que se refere ao topônimo histórico da rua e demonstraram não entender o motivo pelo qual a prefeitura mudou o nome rua Barreirinha para Avenida Desembargador Gaspar Guimarães. E como um morador destaca, o fato de terem mudado oficialmente o topônimo da rua, os moradores continuam a reconhecer como rua Barreirinha do Bairro da União, como observado na fala:

Faço questão de dizer que moro no Bairro da União, embora sabemos que não existe o bairro da União, ele se tornou ramificação do Parque Dez. A "identidade da rua", o logradouro foi modificado sem a consulta, nós

¹⁴Conforme "Significados.com.br", CEP é a sigla de Código de Endereçamento Postal, criado e utilizado pelos Correios para facilitar o encaminhamento e a entrega das correspondências aos destinatários. O CEP é uma informação indispensável na correspondência, pois identifica todos os detalhes do endereço.

descobrimos que mudou o logradouro da rua, quando começou a chegar as correspondências. Então, uma pergunta interessante, quem é o Desembargador Gaspar Guimarães, aqui ninguém sabe. Portanto eternamente essa rua é Barreirinha, e se você me pergunta onde moro, lhe digo, moro na rua Barreirinha, então moro no Bairro da União e na rua Barreirinha, lamentavelmente duas coisas que não existem mais. Mas a sensação, de o meu lugar é ali, e é isso...mentalmente isso é a realidade (MORADORA, BAIRRO DA UNIÃO, 2020).

Análises através do olhar geográfico que trata a relação estabelecida do sujeito com o lugar, bem como sua história no lugar, suas experiências e fatos ocorridos. Pois, isso é resguardar a história dessa população e de seus lugares. Questões essenciais para contribuir e respaldar os critérios adotados, para alterar o topônimo de um lugar como a rua Barreirinha, local marcado por resistência e luta pelo lugar, portanto, levar em conta as relações estabelecidas no cotidiano do sujeito com seu lugar, seu espaço e seu direito à cidade.

Como segue em demais relatos dos cidadãos, como outro morador, “não tivemos nenhuma informação com relação a mudança dos nomes das ruas para o Bairro da União no Parque Dez de Novembro” e outra moradora complementa:

Não entendo, qual intuito de mudar o nome das ruas, quem teve essa ideia? Nos pegamos conversando com vizinhos sobre esse assunto, e sempre alguém pergunta o porquê mudaram. Não tivemos qualquer justificativa, e na associação, não chegou qualquer informação sobre esse nome dado a nossa rua, o que ele contribui ficou obscuro a informação aos moradores. Por que não perguntaram da gente? (MORADORA, BAIRRO DA UNIÃO, 2020).

A falta de informação aos moradores do Bairro da União evidenciada nas falas citadas, destaca a carência dos critérios adotados nas mudanças os topônimos. Isto reflete o fato que mesmo com associação de moradores e presença atuante dos comunitários, não houve consulta acerca das mudanças de nomes que ocorreriam e outra moradora expõe:

Barreirinha, foi o nome foi dado pelos moradores. Veem das barricadas que impediam a polícia de entrar na invasão, portanto tem um sentido esse nome. Já Desembargador Gaspar Guimarães não tem significado para nós. Assim como a rua 2 de Agosto que é em homenagem a inauguração do bairro na década de 1980.

Se demos o nome ao lugar há tanto tempo, e mudam, vai mudar a documentação, da parte estrutural desse espaço. Mas, a parte de conviver permanecer, o nosso sentimento permanece pelos nomes iniciais, digo, o nome dado ao lugar que participaram da criação, faz mais sentido, é a nossa identidade local (MORADORA, BAIRRO DA UNIÃO, 2020).

O tempo vivido, as experiências e relações construídas no cotidiano de um lugar, dão sentido e significado a vida dos moradores e a história do lugar. Fatores que precisam ser levados em conta na preservação dos topônimos, pois, envolvem vidas que construíram uma identidade histórica de pertencimento com o lugar, como define Tuan, ao afirmar que “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (1983, p.83). Lugar como categoria geográfica, que representa as suas relações e experiências do seu vivido, pois:

Mundo vivido é, portanto, o lugar vivido, lugar de vida, lugar de existência, da experiência, um pedaço do mundo que diz quem somos como somos como vivemos como nos inter-relacionamos com a terra e seus homens, um pedaço do mundo carregado de significados existenciais e simbólicos (NOGUEIRA, 2015, p.3).

O mundo vivido dá significados existenciais, que representam a subjetividade do homem, e concretiza-se pelo resultado das ações, pelas experiências e relações sociais no seu cotidiano. Sendo esse lugar um cotidiano, onde acontecem as mais diversas manifestações. Nesse sentido, como sustenta Santos:

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2006, p. 218).

Assim, o lugar seria o reflexo das experiências vivida e adquirida das ações do indivíduo, como as suas relações e manifestações com seu meio que o identifica. O lugar, nesse sentido, seria a expressão das subjetividades e das expressões objetivas dessa subjetividade. Santos ainda afirma, que “Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar” (SANTOS, 2005, p. 161).

O sentimento de pertencimento do indivíduo com o lugar é tão importante como a compreensão dos fatores, que o influenciam e o levam a se identificar, ou seja, a compreensão e valorização de sua história cultural, que contribui para formação de sua identidade com o lugar. A esse sentimento de apego, do sentir-se pertencido ao lugar, Tuan contribui com a análise sobre a topofilia, segundo o qual:

A palavra ‘topofilia’ é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difícil de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscência e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 1980, p. 107).

Tuan destaca a intensidade das sensações percebidas e sentidas do ser humano com o meio ambiente material, como o perceber-se e sentir-se pertencido ao lugar, nesse sentido, “O termo topofilia associa sentimento com o lugar” (1980, p.129). Assim, o topônimo “Bairro da União”, com destaque para a “rua Barreirinha”, vai além de identificações de localizações geográficas, para os indivíduos que vivem nesses lugares. Considerar suas relações construídas e suas experiências é crucial para compreender a importância de identidade no mundo vivido. Nesses locais há uma história construída, que revela a resistência e luta pelo espaço na cidade, destacado por Callai “como indivíduo social capaz de construir sua história, a sua sociedade, o seu espaço” (2001, p. 34). Desse modo, é necessário dar a devida importância a historicidade e geografia do lugar, como ao sentimento de pertença e identidade do indivíduo com seu meio.

As relações topológicas na metrópole ilegal: pontes e as ocupações às margens dos igarapés de Manaus

O fenômeno da topofilia relacionado a toponímia do lugar, observados nos indivíduos que vivem próximo ou em áreas marginais de igarapés, demonstram o sentimento de pertencimento ao seu mundo vivido, como destaca a relação topológica com o outro, através das pontes que ao mesmo tempo que unem as margens, também os separa como indivíduos e classe social, conforme sustentado por Ramos (2021). Pois, esse objeto geográfico que tem como principal função unir e estabelecer a comunicação entre dois lados, também representa o distanciamento da realidade socioespacial de quem vive do outro lado, cada um a seu modo, com sua visão de mundo e sua expressão espacial, a exemplo das margens de igarapés nos bairros do Japiim, Parque Dez de Novembro e Distrito Industrial I, aqui representados, respectivamente pelos topônimos

adotado por esses moradores de “Igarapé do Quarenta”, “Bairro da União” e “Manaus 2000”.

Morar no que oficialmente é delimitado como bairro Parque Dez de Novembro e se considerar do Bairro da União, já demonstra uma forma diferenciada de identificar o topônimo do lugar. Mas curioso é a segunda e a última ocupação deste local, no sentido do fundo de vale, à margem direita do igarapé do Bindá. Esse trecho recebe o topônimo local de “Sovaco da Cobra”; alguns metros antes e do lado esquerdo do mesmo igarapé, localiza-se o “Green Ville”. Essas adoções toponímicas não são como os ocupantes consideram seu bairro, são formas de diferenciar a ocupação e o lado que estão localizados no interior do próprio Bairro da União, retratando a territorialização e forma de organização desses grupos, que vivem em condições precárias. Assim, “o território está, igualmente presente em toda a espacialidade social, ao menos enquanto o homem também estiver presente” (SOUZA, 1995, p. 96), embora também contribuía para os diferenciar e segregar esses sujeitos pela nova identificação desse território interno que criaram.

E essa forma de identificação demonstra que entre os próprios cidadãos, existe a segregação e diferenciação socioespacial, pois, se referem comumente ao “que mora lá embaixo no Sovaco da Cobra” ou “lá embaixo no Green Ville”, e ainda ao “que mora lá em cima na rua Barreirinha”, ou “lá pra trás, na Palestina”, ao que “mora no outro lado da ponte do bairro Parque Dez”, e toda a unidade territorial oficialmente é delimitada como bairro Parque Dez de Novembro e mais recente pelo último zoneamento, algumas ruas do Bairro da União, sentido norte pertencem ao bairro de Flores. Todavia, ambos bairros em seu meio são constituídos também de ocupações irregulares, cujos níveis de precariedade socioespacial são mais visíveis, como as denominadas de “Sovaco da Cobra e Green Ville”, que continuam sem regularização de suas moradias na margem do pequeno rio. Assim como os moradores que vivem à margem do Igarapé do Quarenta no bairro do Japiim, já que ambas as ocupações permanecem de “forma ilegal na cidade”, e as demais tornaram-se legalizadas pelo Estado, que desapropriou para um grupo, ou construiu e entregou casas populares para outro. Isso demonstra que embora o sujeito se identifique com seu lugar e se sinta pertencido ao mesmo, ele não perceberá o outro como igual, o que está “lá em cima” longe do fundo de vale e o “do outro lado” da ponte, que

pertence a um outro grupo social, portanto, diferente. Nesse sentido, como e onde estão localizadas suas moradias, também se constrói a diferenciação socioespacial, segregando-os no mesmo espaço topográfico e delimitando politicamente na unidade territorial urbana conhecida como bairro. E a ponte, elemento que sempre constituiu objeto de união física de dois lados, também distancia os indivíduos e classes, justamente pela percepção do diferente que se estabelece do outro lado, neste caso, da outra margem.

Considerações finais

Ter uma relação com a história de um lugar, e se perceber como parte integrante da produção desse espaço, é uma característica que está intrinsecamente na relação dos moradores do Bairro da União, nos moradores do Igarapé do Quarenta e do Manaus 2000, embora esse pertencimento ocorra de forma muito particular em cada localização.

Esses sujeitos, tanto usam a identificação como se identificam com os topônimos, que adotaram pela ligação com as características físicas do lugar, como no Igarapé do Quarenta, ou pela história política que ocorria na entrega das casas populares do Manaus 2000, ou ainda, pela história de luta vivida e construída ao alcance da desapropriação do Bairro da União por seus moradores, que se sentem pertencidos e enraizados naquele lugar, principalmente por terem participado do processo, que contribuiu para a construção deste espaço. Todavia, esta localização que faz parte oficialmente do bairro Parque Dez de Novembro, não se tornou um bairro oficial em si, e ainda sofreu alterações nos topônimos das suas ruas sem a consulta de seus moradores, especialmente da rua Barreirinha que faz parte de um contexto de lutas e resistência desses sujeitos pelo direito à moradia. Nesse contexto, relacionando a topofilia apresentada por Yi-Fu Tuan, os moradores se percebem e se reconhecem como integrante do lugar que contribuíram para sua formação através das lembranças, da relação de vizinhança, da história passada de pais para filhos, das lembranças sobre a força e união desses grupos nas lutas pela ocupação, enfim, pela identidade e sentimento de pertencimento com o lugar.

Por conseguinte, é pertinente destacar que nos critérios adotados pelo Município de Manaus, em alterar os topônimos, faltou o critério da investigação histórica junto à comunidade, para evitar a perda de informações e esquecimento desse processo geográfico e histórico que se deu nesse espaço.

Através das análises da toponímia e topofilia para se entender o sentimento de pertença, foi possível destacar as relações topológicas, com as quais os sujeitos se veem e, ao mesmo tempo percebem o outro, como o distante e diferente no seu meio vivido, além da forma e disposição de suas moradias, como expressões espaciais, na topografia destes lugares. Estes constituem localizações cortadas por um rio e unidas por pontes, que topologicamente apresentam as diferenças socioespaciais, que estão na base de um processo mais profundo, que é a segregação socioespacial, existente pela forma que se identificam e identificam o outro, em espaços topograficamente próximos, com homogeneidade interna e heterogeneidade entre si dispostos na morfologia urbana, onde as condições sociais a que estão submetidos no espaço é desigual, sobretudo, no acesso à infraestrutura, moradias, entre outros fatores que os diferenciam na cidade.

Nesse mesmo tecido urbano, a paisagem é formada a partir de condições diferenciadas de apropriação e produção do espaço, isto porque o espaço urbano é palco de contradições e tensões cotidianas, sempre envolvendo os agentes modeladores, responsáveis por processos de desapropriação, o que gera lutas por parte dos sujeitos envolvidos na busca da terra urbana e do direito à cidade. Apesar da intervenção do Estado em muitos processos e rearranjos espaciais, ainda permanecem no espaço urbano da metrópole muitos aglomerados subnormais, ocupados pelos grupos sociais excluídos, demonstrando a permanência do ilegal nesses espaços. Esse ilegal, todavia, não se restringe aos pobres, mas não se pode negar que estes são os mais atingidos, por essa ilegalidade que se coloca dentro do “socialmente aceito”.

Não se pode negar, por outro lado, que esses espaços urbanos também passaram ou passam pelos processos de mudanças constantes, tanto na paisagem quanto no conteúdo. Para conformar esta afirmação, por exemplo quando as casas populares do Manaus 2000 mudam sua forma original, para dar lugar a moradias maiores ou prédios de atividades comerciais e de serviços, quando o bairro Parque Dez de Novembro que verticalizou-se e horizontalizou-se, com seus condomínios na margem esquerda do Igarapé do Bindá, para segmentos sociais que podem pagar pelo espaço urbano com melhores níveis de urbanismo, dentro de seus muros, segurança eletrônica, jardins, áreas de lazer, estação de tratamento de esgoto, entre outros fatores que expressam a condição

econômica, que se estabelece na diferenciação e segregação do acesso à terra e aos bens urbanos.

Ambas localizações escolhidas como recortes espaciais deste trabalho sofreram mudanças no que se refere às feições iniciais das suas ocupações da década de 70, e hoje se estabelece um novo momento, em que se estabeleceu a segregação socioespacial em maior escala, pelo fato de serem ainda muito evidentes as desigualdades socioespaciais.

Assim, este trabalho buscou abordar o espaço urbano da metrópole Manaus, a partir dos conceitos de topofilia e toponímia, demonstrando a percepção do diferente contido nas localizações, apresentando distintas realidades, ainda que próximas do ponto de vista topográfico, mas distantes topologicamente.

Referências

GRAGA, Robério. **Gaspar Antônio Vieira Guimarães**. Robério Braga, Manaus, 15/08/2021. Disponível: <<https://roberiobraga.com.br/glossary/gaspar-antonio-vieira-guimaraes/>>. Acesso em 19 nov. 2022.

BRASIL. **Lei nº 4.132, de 10 de setembro de 1962**. Define os casos de desapropriação por interesse social e dispõe sobre sua aplicação. Presidência da República. Casa Civil para Assuntos Jurídicos. DOU, Brasília, 10 de set. 1962. Disponível: <[Jurídicoshttp://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/14132.htm#:~:text=Art.,147%20da%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20Federal](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/14132.htm#:~:text=Art.,147%20da%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20Federal)>. Acesso em 30 jun. 2019.

CALLAI, Helena Copetti. **O lugar na Geografia e as monografias municipais: Cadernos Unijui**. Ijuí: Unijui, 2001.

CEGALA, Domingos Pascoal. **Dicionário escolar de língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, Edições Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 2 ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

DUARTE, Durango. **Manaus entre o passado e o presente**. Manaus: Mídia.com, 2009.

EBIOGRAFIA. **Biografia de Esopo**. Porto: 7 Graus, 2020. Disponível: <<https://www.ebiografia.com/esopo/>>. Acesso em 09 de fev. 2020.

GARCIA, Etelvina; MEDEIROS, Girlene. **Ruas de Manaus persistem à troca de nomes e guardam história da capital: G1 fez levantamento histórico de oito ruas da capital amazonense.** G1 Amazonas. 24 de out. 2012, 09h35. Disponível: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/10/ruas-de-manau-persistem-troca-de-nomes-e-guardam-historia-da-capital.html>>. Acesso em 30 de out. 2019.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo, Centauro, 2001.

MANAUS, **Lei nº 1.401 de 14 de janeiro de 2010 do Município de Manaus.** Dispõe sobre a criação e a divisão dos bairros da cidade de Manaus, com estabelecimento de novos limites, e dá outras providências. Diário Oficial de Manaus. Edição 2.354.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Lugar como a representação da existência.** XV EGAL (Encontro de Geógrafos da América Latina). Havana, Cuba, 2015. Disponível: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Teoriaymetodo/Teoricos/07.pdf>>. Acesso em 29 de jul. 2020.

RAMOS, Ageane Alves. **Segregação e diferenciação na metrópole: as pontes que unem e separam no contexto das ocupações em margens de igarapés de Manaus.** 2021, 138p. Programa de Pós-graduação em Geografia – Universidade Federal do Amazonas.

SANTOS, Luiz Eduardo Neves dos, **Toponímia, poder e identidade: uma abordagem acerca dos logradouros centrais em São Luís, Maranhão.** 2016, Geo UERJ, Rio de Janeiro, n. 28, p. 171-195, 2016.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4.ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In:* CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** 1980. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Rio de Janeiro: Difel, 1980.